

PROCEDIMENTOS DE CONSTRUÇÃO DO TEXTO FALADO: ASPECTUALIZAÇÃO

Diana Luz Pessoa de Barros*

RESUMO: Neste trabalho examinam-se algumas questões sobre a aspectualização discursiva e lingüístico-textual em geral e dos textos conversacionais em particular, na perspectiva teórica da semiótica narrativa e discursiva. A aspectualização é estudada como um procedimento de construção do texto falado com diferentes manifestações: correção, paráfrase, inserção, repetição, etc. A perspectiva adotada leva-nos, em primeiro lugar, a observar que tais procedimentos assumem ao menos dois papéis na construção do discurso: produzem efeitos de sentido ditos “patêmicos” e cumprem funções persuasivo-argumentativas; em segundo lugar, a descrever as relações de homologação e de isomorfismo que se estabelecem entre o plano da expressão e o do conteúdo dos textos conversacionais. Finalmente, o trabalho procura apontar as aproximações possíveis entre texto falado e texto poético, com base nos sistemas semi-simbólicos de correlação entre expressão e conteúdo.

Palavras-chave: Aspectualização discursiva e lingüístico-textual; conversação; relação entre expressão e conteúdo; sistema semi-simbólico.

Para examinar alguns procedimentos de construção do texto falado, mais particularmente os da sua aspectualização, este trabalho adota as perspectivas teóricas da semiótica narrativa e discursiva e da análise da conversação.

Há algum tempo já tenho procurado aproximar duas formas de conceber e explicar o texto falado, o ponto de vista da semiótica narrativa e discursiva e a ótica da análise da conversação. Experiências distintas estão por trás dessa escolha plural de caminhos: meu trabalho como professora e pesquisadora na linha da semiótica, na Universidade de São Paulo, minha participação no projeto NURC-SP, grupo de investigação sobre a língua falada, que tem atualmente assumido a orientação sobretudo da análise conversacional. Nesse projeto, desenvolvi, por exemplo, investigações sobre os procedimentos de reformulação por correção empregados nos inquéritos, procurando apontar os meios lingüísticos e discursivos utiliza-

(*) Professora da Universidade de São Paulo.

dos, os diferentes tipos de correção (reparação, autocorreção, heterocorreção, etc) e suas funções na construção da significação do texto.

Se, no entanto, a Análise da Conversação ocupa-se em geral do estudo dos turnos de fala, isto é, da regulamentação da tomada, retomada, cessão e perda de palavra, do exame das características “específicas” do texto conversacional e de seu caráter dialógico e interacional, e, ainda, da análise de certos procedimentos lingüísticos próprios da fala, ou nela mais freqüentes, tais como a repetição, a correção, a paráfrase ou a inserção, falta a esses estudos uma proposta mais abrangente de texto e de discurso em que tais elementos cobrem sentido. Por outro lado, a semiótica greimasiana tem examinado, com uma teoria geral do discurso, diferentes tipos de textos, mas pouco se dedicou à conversação e ao exame das relações sociais mais “miúdas” ou dos envoltivos emocionais das interações entre sujeitos, no sentido que lhes atribui a Análise da Conversação. No início dos anos sessenta, era condição da análise semiótica, limitada quase exclusivamente à organização narrativa do texto, a supressão das marcas da enunciação. Atualmente, a semiótica estuda e mesmo privilegia esses procedimentos discursivos enunciativos, outrora postos entre parênteses, e os efeitos de sentido que produzem no texto. A Semiótica de hoje considera assim que as marcas da enunciação são necessárias à análise, mas, pelo fato de terem-se dedicado ao exame sobretudo dos textos escritos, acostumaram-se os semioticistas a trabalhar com textos “normalizados” quanto às características da fala: cortam-se as repetições, retiram-se as hesitações, apagam-se as correções, refaz-se o texto. Com a supressão desses elementos alteram-se, sem dúvida, o sentido construído e as relações interacionais estabelecidas entre os interlocutores. Tais elementos são, a nosso ver, traços da enunciação dos discursos que neles produzem efeitos de sentido passionais, afetivos e emocionais, e cumprem funções persuasivo-argumentativas.

Das experiências distintas mencionadas e das reflexões que delas resultaram e que foram acima rapidamente resumidas, nasceu a convicção de que é necessário examinar o texto falado enquanto texto ou discurso oral e enquanto conversação, no quadro dos *estudos semióticos* e mais particularmente nos das investigações sobre a aspectualização discursiva e lingüístico-textual.

Dividimos este trabalho em quatro partes, as três primeiras voltadas para a discussão de algumas questões sobre aspectualização aspecto lingüístico e aspectualização discursiva, aspectualização e percurso gerativo da significação, aspectualização textual e a última consagrada, finalmente, aos procedimentos de construção do texto falado.

1 - Aspecto lingüístico e aspectualização discursiva

Se lingüistas e semioticistas estão de acordo quanto ao papel mediador de um observador na aspectualização da língua ou do discurso e quanto ao caráter

indireto das relações entre o aspecto e a enunciação (o aspecto não é uma categoria dêitica, diz Lyons, por exemplo), é preciso observar, porém, algumas diferenças entre as duas concepções. Tais diferenças dizem respeito sobretudo ao ponto de incidência da aspectualização ou ao que é aspectualizado. Tanto os lingüistas, quanto os semioticistas aceitam que “um ponto de vista sobre a ação” a converte em processo, mas, para o semioticista, trata-se da conversão de *ações narrativas* em *processos discursivos*, ou seja, de um dos procedimentos de constituição do discurso e não apenas da oração ou do seu sintagma verbal. Para o lingüista, o aspecto, estreitamente ligado ao sintagma verbal, manifesta-se sobretudo morfológicamente nos tempos verbais, nos advérbios ou nos demonstrativos, e interessa-lhe apenas, por conseguinte, a aspectualização do tempo, sobre a qual há já estudos mais aprofundados. Adotando-se uma perspectiva discursiva é necessário, porém, inscrever a aspectualização também no espaço e nos atores do discurso, e não só no tempo. Em outras palavras, a aspectualização assim entendida não se limita a recortar o tempo da ação, fazendo dele um desenvolvimento ou uma duração, com começo e fim; ela determina também o espaço enquanto limite, distância, extensão, etc, e qualifica o ator pela “elegância” de suas realizações e pela “quantificação”, excessiva ou insuficiente, de seu modo de agir.

Duração ou pontualidade, no caso do tempo; delimitação ou falta de limites, para o espaço; excesso ou insuficiência, em se tratando do ator, esses termos devem ser considerados como ocorrências de uma mesma propriedade semântica, que se torna diferente quando aplicada ao tempo, ao espaço ou ao ator. Em outras palavras, aspectualiza-se *da mesma forma*, com uma mesma categoria semântica e se o resultado parece diferente é porque ora a temporalidade, ora a espacialidade, ora as qualidades do ator foram aspectualizadas. Essa categoria comum articula-se em *continuidade vs. descontinuidade*. Do lado da continuidade tem-se a duração temporal, a não-determinação espacial, o excesso actorial; no da descontinuidade, a pontualidade temporal, a delimitação espacial, a insuficiência actorial.

Em síntese, um observador, instalado no discurso pela enunciação, aspectualiza esse discurso, graças à categoria da continuidade vs. descontinuidade, que toma acepções diferentes conforme determine o tempo, o espaço ou os atores do discurso. Dessa forma, a aspectualização organiza o discurso e o que se convencionou chamar de “aspecto lingüístico” pode ser mais bem examinado e explicado no âmbito dos procedimentos discursivos de aspectualização, ou seja, a organização lingüística do aspecto depende do procedimento mais geral de aspectualização discursiva.

2 - Aspectualização e percurso gerativo da significação

Se se aceitar, metodologicamente, que a construção da significação de um texto se organiza sob a forma de um percurso gerativo, podem-se diferenciar três

instâncias de aspectualização: uma instância *aquém* do percurso gerativo da significação -a das pré-condições da significação-, a instância do percurso gerativo e uma instância além do percurso, a lingüístico-textual propriamente dita. Essas instâncias de aspectualização organizam-se hierarquicamente, por um encadeamento de pressuposições.

Em trabalhos anteriores examinamos a aspectualização no nível das pré-condições e nos três patamares em que se organiza o percurso gerativo, o das estruturas fundamentais, o das estruturas narrativas e o das estruturas discursivas. Neste estudo, trataremos somente da aspectualização das estruturas discursivas e da do nível lingüístico-textual.

Em poucas palavras, pode-se dizer, como resultado do exame da aspectualização no nível das pré-condições da significação, que o ato de enunciar ou de produzir significação, ou mesmo o ato criador em geral, deve ser considerado como um fazer aspectualizador, isto é, de interrupção da continuidade e de passagem ao descontínuo. O texto, assim construído, é uma descontinuidade, mesmo que no seu nível mais superficial tenha a aparência de continuidade ou que retome constantemente o contínuo indiferenciado, anterior à discretização. Quem sabe sinta saudade do “contínuo perdido”

Em decorrência desse fazer aspectualizador “primeiro”. o texto, em todos os níveis de descrição do percurso gerativo da significação, organizar-se-á a partir da oposição e da alternância entre a descontinuidade e a continuidade. Talvez seja esse o seu papel, o de limitar o fluxo contínuo de passagem entre a continuidade e a descontinuidade, e, dessa forma, de estabilizar a instabilidade.

No último nível do percurso gerativo da significação, o das estruturas discursivas, tem-se a aspectualização propriamente dita, qual seja, a aspectualização discursiva, de que já se falou neste ensaio.

O sujeito da enunciação projeta o tempo, o espaço e os atores do discurso e instala um observador que, conforme vimos, aspectualiza o tempo, o espaço e os atores, graças à categoria da continuidade vs. descontinuidade. A aspectualização constitui uma dimensão hierarquicamente superior à temporalização, à espacialização e à actorialização que são por ela determinadas.

A aspectualização do tempo, recortado como durativo vs. pontual, é a mais conhecida, mas há ainda muito a ser feito. Para o estudo da língua falada, por exemplo, deve-se pensar no tempo aspectualizado não só por seu desenvolvimento ou duração, mas também pela *velocidade*, o que lhe dá as características de aceleração e de desaceleração, entre outras. A tese de Luiz Tatit (1994), sobre a canção popular brasileira, examina bastante bem essas funções.

O espaço, por sua vez, deixa-se aspectualizar, enquanto localização e distância em relação a um observador, como delimitado (ou descontínuo) e sem limites (ou

contínuo). A partir dessa primeira determinação, surgem várias subarticulações, tais como, entre outras:

distância a percorrer	vs.	ponto de partida ou de chegada
espaço fechado	vs.	espaço aberto
espaço interno	vs.	espaço externo, etc.

Em relação à aspectualização actorial, há poucos estudos e muitas dúvidas. Pode-se realmente examinar, na mesma perspectiva, o tempo, o espaço e o ator? A partir dos estudos de Françoise Bastide (1986), concebe-se a aspectualização do ator como uma espécie de quantificação das suas qualidades, consideradas, dessa forma, como excessivas ou insuficientes. O excesso ou insuficiência actorial são, por sua vez, determinados, ainda segundo o ponto de vista do observador, como tenso ou relaxado, disfórico ou eufórico. Ao examinar o herói bandeirante, pudemos por exemplo observar que as mesmas “qualidades aspectuais e semânticas” apareciam ora como eufóricas ora como disfóricas. Dessa forma, o bandeirante, definido pelo caráter excessivo de suas ações e paixões, é adjetivado nos textos como bruto ou bravo, violento ou corajoso.

3 - Aspectualização textual

A semiótica distingue texto e discurso: o discurso é uma construção do plano do conteúdo; no texto, casam-se expressão e conteúdo. Dessa forma, a aspectualização lingüístico-textual supõe a aspectualização dos diferentes níveis de construção da significação e, sobretudo, a do discurso, sobre a qual nos detivemos no item anterior. Os dispositivos aspectuais do tempo, do espaço e do ator são sistematizados na língua, mas a partir das configurações do discurso. José Luiz Fiorin, em *As astúcias da enunciação* (1994), examina nessa perspectiva dupla - sistematização lingüística e configuração discursiva - os sistemas da pessoa, do tempo e do espaço, em português.

A sistematização lingüística das configurações aspectuais do discurso é um dos pontos que merecem atenção, mas em que não nos deteremos, por razões diversas. No âmbito do texto, vamos tratar aqui de outra questão: a de que a aspectualização, no sentido genérico que lhe foi atribuído neste estudo, concerne tanto à organização do plano do conteúdo, quanto à da expressão.

Ao se estender o alcance da aspectualização também ao plano da expressão, duas são as decorrências que mais de perto interessam à nossa investigação: em primeiro lugar, deve-se reconhecer que estudos da aspectualização da expressão são necessários ao exame de textos musicais e visuais abstratos, e de discursos

orais; em segundo lugar, a partir desses estudos, podem-se examinar, com maior segurança, as relações entre textos poéticos e discursos orais, em geral.

Chegamos agora ao ponto central deste trabalho e à sua última parte.

4 - Procedimentos de construção do texto falado

Para Viollet (1986), a especificidade do oral estaria, antes de mais nada, no seu modo de inserção no tempo: na escrita, pode-se sempre dissociar a elaboração da produção discursiva, rever o que se escreveu, refazer caminho, rescrever o texto, enfim; na fala, a elaboração e a produção coincidem no eixo temporal e resultam daí as marcas de elaboração e de incidentes de produção, os traços de reformulação discursiva, sob a forma de repetições, interrupções, inserções, correções, paráfrases, que se deixam ver no texto. Esses procedimentos lingüísticos são, a nosso ver, procedimentos de aspectualização do texto falado, que determinam seu conteúdo discursivo, mas também e principalmente a expressão textual, isto é, o tempo de desenvolvimento do texto.

A expressão do texto falado é *linear*, disse Saussure, ou seja, o texto se apresenta como uma continuidade temporal, como uma duração, como um fluxo. Considerar o texto linear é, portanto, dizê-lo determinado pelo traço aspectual da continuidade. Sobre ou nessa duração, incidem os procedimentos lingüísticos e prosódicos mencionados, que rompem a continuidade temporal e tornam mais lento o andamento do texto.

A aspectualização do plano da expressão tem por resultado, portanto, de um lado a passagem da continuidade à descontinuidade temporal, de outro a mudança de velocidade, a desaceleração textual.

Há, como já se apontou, diferentes procedimentos de desaceleração. Vejamos, a respeito, dois fragmentos de um diálogo entre dois informantes do projeto NURC-SP (Inquérito 333) (CASTILHO e PRETI 1987: 234-264). O locutor L1 é uma mulher, de sessenta anos, viúva, jornalista, nascida em São Paulo; o locutor L2 é também uma mulher, de sessenta anos, viúva, escritora, nascida em São Paulo.

1 - L2-você escreveu qualquer coisa muito interessante sobre a Marília Medalha e eu perdi *essa sua*:... *o* que foi que você disse sobre a Marília Medalha o (...) me disse *que era ... que estava* muito interessante *este seu*:... *esta sua* crônica (p.247,l.534-538).

2 - L1-a irmã dela eu conheço que é jornalista né? é uma moça jornalista...

L2-poetisa

L1-poetisa (p.249,l.622-625).

No primeiro fragmento há três desacelerações por correção (autocorreção), sublinhadas: na primeira, a falante interrompe o que dizia, para maiores explicações, tomando claro o objetivo da correção de garantir a intercompreensão; na segunda, ela corrige “era”, durativo, por “estar”, pontual; finalmente na terceira, substitui “este seu”, a que provavelmente seguiria a palavra “artigo” ou “texto”, por “esta sua crônica”. No segundo fragmento, há um caso de desaceleração por heterocorreção, em que a escritora corrige a jornalista a respeito da profissão da irmã de Marília Medalha, jornalista ou poetisa.

Os procedimentos de correção, de repetição, de paráfrase, de inserção, etc, todos eles desaceleram o andamento do texto, mas o fazem de diferentes modos. Assim, as interrupções por pausa desaceleram, já as repetições ou os prolongamentos de vogais (sua:...seu:.) também provocam uma desaceleração inicial, mas instalam, em seguida, uma nova continuidade. Se lembrarmos ainda que as pausas duram ..., faz-se necessário reconhecer no texto todo um jogo de acelerações e de desacelerações de seu desenvolvimento temporal.

Quais razões nos levam a examinar o plano da expressão dos textos falados na perspectiva da aspectualização? Tal abordagem justifica-se pelo fato de permitir que se observem e descrevam as relações entre os dois planos, o da expressão e do conteúdo, relações que sempre atraíram os estudiosos da linguagem. Uma aceleração ou continuidade de expressão corresponde a uma continuidade de conteúdo e vice-versa? Há isomorfismo entre os planos? Nossos estudos sobre a reformulação discursiva indicam que a resposta é, ao menos provisoriamente, positiva.

Considerando as autocorreções do primeiro fragmento, pode-se observar que esses procedimentos da expressão se relacionam com transformações das relações entre sujeitos e, principalmente, de seus estados passionais ou “estados de alma”, no plano do conteúdo. Com a autocorreção, o texto é desacelerado por prolongamento de vogais, pausa ou repetição, a que segue um novo contínuo, o do texto “corrigido”, reformulado, retomado. No plano do conteúdo, a correção marca a ruptura e o restabelecimento de contrato entre sujeitos, cria entre eles laços passionais ou afetivos de confiança, crença, interesse. Quando L2, uma escritora, corrige, por exemplo, “este seu (artigo)” por “esta sua crônica”, faz saber a L1 que valoriza seu trabalho jornalístico, pois o considera uma crônica, gênero próximo do literário. Não bastava dizer diretamente “esta sua crônica. A descontinuidade é necessária para que se renove o contrato, para que se ponha em relevo que o contrato foi restabelecido ou reafirmado. Igualmente, a heterocorreção do segundo fragmento é uma ruptura do contínuo da expressão e também uma descontinuidade entre sujeitos que polemizam. Deve-se observar, porém, que, se as heterocorreções parecem enfatizar a ruptura, mesmo as correções mais polêmicas, para corrigir, retomam o “erro” do outro e, ao fazê-lo, demonstram interesse no que o outro diz. Uma

vez mais, a continuidade passional e afetiva de um contrato restabelecido ou confirmado, ainda que pela discordância.

Uma última observação a ser feita é a de que a aspectualização que está em jogo no plano do conteúdo é a das relações modais que ligam os actantes da situação enunciativa, segundo uma análise narratológica da enunciação. Aspectualiza-se a organização narrativa da enunciação, mais especificamente aspectualizam-se os laços modais que prendem os actantes enunciativos e que produzem efeitos de sentido ditos “passionais”

Em resumo, pode-se dizer que os procedimentos de desaceleração e de aceleração do plano da expressão correspondem à organização aspectual do conteúdo. Há compatibilidade entre o dispositivo aspectual da expressão e o do conteúdo, há isomorfismo entre os dois planos, isto é, entre dispositivos aspectuais do tempo, na expressão, e a organização aspectual ou modulação narrativa dos actantes da enunciação, no conteúdo.

Pode-se então concluir que os procedimentos “linguísticos” do texto falado - correção, repetição, inserção, etc - assumem ao menos dois papéis na construção do discurso: produzem efeitos de sentido ditos “patêmicos”, tais como o interesse, a confiança, a decepção ou a inveja, e cumprem funções persuasivo-argumentativas, entendidas tais funções como as estratégias empregadas pelo locutor para persuadir seu destinatário e assegurar o contrato entre eles. Dessa forma, esses procedimentos constroem os papéis conversacionais, já que criam os papéis actanciais e modo-passionais da enunciação dos textos falados. Dois momentos devem ser distinguidos na aspectualização desses textos: O da desaceleração da expressão, que corresponde à transformação das relações intersubjetivas - da ruptura à renovação do contrato -, e o da nova aceleração da expressão, que é compatível com os efeitos de paixão do discurso - confiança, interesse, etc.

Se tais hipóteses se confirmam, pode-se dar um segundo passo e examinar as relações entre texto falado e texto poético, pois em ambos é possível reconhecer o papel essencial dos sistemas semi-simbólicos.

Um sistema semi-simbólico deve ser entendido no sentido que lhe atribuí a semiótica, a partir da distinção de Hjelmslev entre linguagem e sistema de símbolos, ou seja, como um sistema em que os planos da expressão e do conteúdo se organizam em pares de categorias homologáveis ou em correlações de categorias. Esse sistema superpõe-se ao linguístico propriamente dito.

A presença de sistemas semi-simbólicos é uma das características do texto poético. Nesse tipo de texto, o plano da expressão tem outras funções além da de expressar o conteúdo e, portanto, nele se estabelecem correlações semi-simbólicas entre expressão e conteúdo.

No poema *Mudanças*, de Carlos Drummond de Andrade (1984:73):

O que muda na mudança

se tudo em volta é uma dança
no trajeto da esperança
junto ao que nunca se alcança?

a categoria da expressão *nasalidade* (continuidade da expressão pela repetição e ressonância) vs. *oralidade* (descontinuidade) está relacionada com a categoria do conteúdo que se articula em *permanência* (continuidade) vs. *mudança* (descontinuidade). Nesse sistema semi-simbólico, a *nasalidade* está para a *permanência*, assim como a *oralidade* está para a *mudança*.

As homologações que apontamos entre os dispositivos aspectuais da expressão e do conteúdo dos textos orais, permitem-nos reconhecer também neles sistemas semi-simbólicos.

A boa conclusão é de que a organização da expressão e suas correlações semi-simbólicas com o conteúdo são essenciais para a construção da significação tanto do texto poético quanto da conversação. Em outra perspectiva, D. Tannen (1986), ao examinar a repetição, propõe também algumas aproximações entre conversação e poesia. Afirmar a autora que o discurso poético emprega a dinâmica da conversação e que os poetas sempre souberam disso.

Reconhecida a proximidade entre texto oral e poético, no que diz respeito às relações semi-simbólicas entre os planos da expressão e do conteúdo, é preciso, porém, evitar confundi-los e, ao contrário, distinguir os dois tipos de textos que, entre outros, utilizam o semi-simbolismo.

Os estudos de língua falada, já referidos, indicam que os dispositivos aspectuais da expressão são correlativos aos dispositivos modo-passionais e persuasivo-interacionais do conteúdo. Os trabalhos sobre o texto poético mostram, como no exemplo acima, que as organizações da expressão nesses textos concretizam sensorialmente as abstrações temáticas do conteúdo e instauram um novo saber sobre o mundo. Em *Mudanças*, com a correlação semi-simbólica estabelecida entre *nasalidade* vs. *oralidade* e *permanência* vs. *mudança*, nega-se o já sabido ou conhecido, aprende-se que a ressonância nasal expressa conservação e sentem-se sonoramente os efeitos de “ficar igual”, mesmo no movimento da mudança. Concretizam-se sonoramente os conteúdos abstratos.

Em síntese, no texto falado a aspectualização temporal da expressão relaciona-se com a aspectualização (ou modulação) das relações entre os actantes da enunciação; no texto poético, a aspectualização temporal ou espacial da expressão relaciona-se com o conteúdo temático do discurso. Os efeitos de sentido construídos pelas diferentes relações semi-simbólicas são também diferentes: no texto falado, produzem-se efeitos de envolvimento passional e emocional entre os sujeitos; no texto poético, cria-se um novo saber e uma nova forma de ler o mundo, na dimensão estética.

Caberia aqui, quem sabe, uma última questão: se na conversação se fabricam efeitos de envolvimento emocional com os procedimentos do semi-simbolismo, e se na poesia, com os mesmos recursos, refaz-se o mundo ou o saber sobre ele, não seria lícito considerar que o envolvimento estético da poesia tem algo que ver com a afinidade afetiva e emocional da conversação? Ou, inversamente, que as correlações entre expressão e conteúdo constituem tanto na poesia, quanto na conversa do dia-a-dia, novas formas de “ler o mundo”?

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Carlos Drummond de (1984). *Corpo*. Rio de Janeiro, Record.
- BASTIDE, Françoise (1986). “Les logiques de l’excès et de l’insuffisance”. *Actes Sémiotiques-Documents*, VIII: 79-80.
- FIORIN, José Luiz (1994). *As astúcias da enunciação. As categorias de pessoa, espaço e tempo*. Universidade de São Paulo. Tese de livre-docência.
- TANNEN, Deborah (1986). *Ordinary conversation and literary discourse coherence and the poetics of repetition*. Georgetown University, mimeo.
- TATIT, Luiz (1994). *Semiótica da canção. Melodia e letra*. São Paulo, Editora Escuta.
- VIOLLET, Cathérine (1986). “Iteration verbale et pratiques d’interruption” *DRLAV*, 34-35: 183-193.

RÉSUMÉ: Ce travail examine certaines procédures du discours oral, en adoptant une optique sémiotique, plus particulièrement celle des études sémiotiques de l’aspectualisation. L’aspectualisation, telle qu’elle a été conçue dans cette étude, concerne aussi bien l’organisation du plan du contenu que celle de l’expression. Trois points en découlent: on examine les rapports d’isomorphisme et d’homologation qui s’établissent entre les deux plans; on peut conclure que les procédures “linguistiques” du texte parlé correction, répétition, insertion, etc jouent au moins deux rôles dans la construction du discours: elles produisent des effets de sens dits pathémiques et elles ont des fonctions persuasives-argumentatives; on établit des rapports entre les textes poétiques et les discours oraux.

Mots-clés: Aspectualisation discursive et textuelle; conversation; expression et contenu; système semi-symbolique.